

**OS CANTORES, A VIAGEM À LUA E A FAVELA – UMA EXPERIÊNCIA DE
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS GINÁSIOS VOCACIONAIS
DURANTE A DITADURA MILITAR**

Daniel Ferraz Chiozzini¹
Idê Moraes dos Santos²

Resumo: O objetivo da comunicação, oriunda de uma pesquisa de Doutorado, é apresentar a análise de um conjunto de redações de alunos dos Ginásios Vocacionais, projeto educacional experimental desenvolvido entre os anos de 1961 a 1970 no estado de São Paulo. Foi investigada a relação desse material, produzido entre os anos de 1968 e 1969, com as proposições que orientavam o ensino de Língua Portuguesa nos anos 1960, tanto nos Vocacionais, como na rede pública convencional. As conclusões preliminares apontam que os Colégios Vocacionais objetivaram, sobretudo, dar sentidos e significados ao que era ensinado, preocupando-se com a finalidade educativa de seus frequentadores, visando a construção de uma proposta de renovação e modernização da rede de ensino. Nesse sentido, professores, educadores e especialistas que ali trabalharam procuraram pesquisar quais conteúdos e conhecimentos do ensino de Língua Portuguesa seriam os mais adequados para a formação dos alunos da época descrita, especialmente visando a problematização da realidade na qual o aluno estava inserido.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Ditadura Militar. Ginásios Vocacionais.

Aquele dia tão feliz

O dia mais feliz de minha vida foi quando fui passar minhas férias no Rio de Janeiro com minha família. Fomos para o Rio de avião, foi uma maravilha porque haviam vários artistas como Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Wanderlei Cardoso, Wanderleia, Elis Regina, Agnaldo Rayol, Jair Rodrigues e o Conjunto do Caçulinha. (...). O Roberto cantou quase todo o seu repertório e o Erasmo Carlos também, assim como todos os outros artistas que estavam a bordo. Depois fui pedir uns autógrafos, pois faço coleção e com esta viagem pude encher meu caderno de autógrafos. Mais

¹ Historiador e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Doutor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EHPS/PUC-SP). Investiga principalmente nos seguintes temas: História e Memória da Educação Brasileira, Educação e Ditadura Militar, Escolas Experimentais e Ginásios Vocacionais. Integra a Linha de Pesquisa Educação Brasileira: produção, circulação e apropriação cultural e o Grupo de Pesquisa História das Instituições e dos Intelectuais da Educação no Brasil. *E-mail:* danielchiozzini@yahoo.com.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduados em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LP/PUC-SP), Linha de Pesquisa: **Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa**. Tese em redação sob o título provisório de *O Colégio Vocacional Oswaldo Aranha – história do ensino de Língua Portuguesa em 1969*. Tem Mestrado em Educação pelo Programa Educação: História, Política, Sociedade – PUC-SP. *E-mail:* gutidelirou@gmail.com .

como tudo que é bom dura pouco, já estávamos quase chegando no Rio. (...) Eu acho que este foi o melhor e o mais alegre começo de férias!

(Aluna C.M.S.³ - 1ª série D - 10 de dezembro de 1969- Parte II, p. 39).

Viagem à Lua

Era manhã de novembro, mal o sol havia nascido e os telespectadores e ouvintes do mundo inteiro estavam ligados aos seus aparelhos para ver a maior façanha do homem: a viagem à lua. (...) Era a ambição do homem, a conquista do universo. Milhões em dólares foram aplicados na construção desse projeto. (...) Dois astronautas desceram no solo da lua, e o outro ficou na nave, finalmente o homem conseguiu o seu objetivo, anos levaram para esse feito. A viagem de regresso foi mais fácil, além deles, só Deus sabe o que eles passaram, mas por fim chegaram são e salvos e foram aclamados pelo mundo inteiro. Parabéns a essa nação que conseguiu finalmente, por meio desses astronautas dominar a lua. Mas quem vai impedir que outras naves de outras nações desçam lá? A lua não é de ninguém.

(Aluno I.J.G.M- 1ª série A - 9 de dezembro de 1969- Parte III, p. 65)

Os textos acima são trechos de redações de alunos do Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha, situado no bairro do Brooklin, na cidade de São Paulo⁴. Os Ginásios Vocacionais foram um projeto educacional experimental que existiu entre 1961 e 1970 e totalizaram seis unidades escolares que, além de São Paulo, contemplaram as cidades de Batatais, Americana, Barretos, Rio Claro e São Caetano. Desde sua concepção, fizeram parte de um projeto que visava à renovação e à modernização das escolas da rede pública estadual. O projeto contou com a participação da Profª e Pedagoga Maria Nilde Mascellani, idealizadora e Coordenadora da experiência dos Vocacionais⁵. Após uma

³ Devido à impossibilidade de contatar os autores, foram inseridas apenas as iniciais dos nomes. Os documentos integram o Fundo Serviço de Ensino Vocacional do Estado de São Paulo (SEV) do Centro de Documentação e Informação Científica “Casemiro dos Reis Filho” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEDIC/PUC-SP).

⁴ As redações fazem parte de um conjunto de fontes de pesquisa que estão sendo analisadas para a escrita de tese de Doutorado provisoriamente intitulada *Colégio Vocacional Oswaldo Aranha – história do ensino de Língua Portuguesa em 1968 e 1969*, no Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), linha de pesquisa: **Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa**.

⁵ Em 1959 a Profª e Pedagoga Maria Nilde Mascellani participou da comissão do projeto das Classes Experimentais de Socorro. Com a criação do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), artigo 25 da Lei Estadual nº 6052 de 03 de fevereiro de 1961, regulamentada por meio do Decreto Estadual nº 38.643, art. 302, de 27 de junho de 1961, a comissão deixou de existir e a Profª Mascellani foi designada como coordenadora do Serviço de Ensino Vocacional. O SEV foi um órgão instalado junto ao Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha, no Brooklin, em São Paulo, de onde Mascellani coordenava também as unidades de Barretos,

intervenção militar ocorrida em 1969, foram formalmente extintos em 1970. Um dos argumentos utilizados para extingui-los foi o de que era um projeto caro, elitista e inviável de ser expandido para a rede de ensino como um todo (CHIOZZINI, 2014, p. 31).

Uma porta de entrada para entender a singularidade do trabalho lá desenvolvido é, seguindo uma trilha proposta por Souza (2008), a análise de duas dimensões que resultaram na produção textual dos alunos: o *currículo* e a *organização do trabalho escolar*. Segundo a autora, “saber por que a escola ensina o que ensina é fundamental para o entendimento da finalidade cultural das instituições educativas e do tipo de homens e mulheres que uma dada sociedade em determinado tempo deseja formar” (SOUZA, 2008, p.11).

Nesse sentido, a análise das redações elaboradas pelos alunos não é apenas reveladora do “chão da escola”, mas uma etapa de investigação sobre a história do currículo e do ensino de Língua Portuguesa nos Ginásios Vocacionais. Apropriando-se de Goodson (1997), Souza afirma:

Investigações sobre a história curricular permitem penetrar numa parte fundamental da escolarização, que são os processos internos da escola. Além disso, possibilitam uma compreensão mais clara sobre como as matérias escolares, os métodos e os cursos contribuem para designar e diferenciar estudantes; elas também oferecem pistas para analisar as complexas relações entre a escola e a sociedade e, não menos importante, iluminam dimensões pouco conhecidas sobre a profissionalização docente e o papel dos professores na construção social do conhecimento. Nesse sentido, é relevante considerar tanto o modo como o conhecimento foi organizado no passado, quanto a dinâmica social que moldou uma dada seleção cultural para as escolas. (SOUZA, 2008, p.11).

Dada a amplitude que uma investigação dessa natureza implica, é mister ressaltar que o presente texto se propõe a realizar uma análise parcial das fontes de pesquisa mais ampla, tendo como temática o ensino de Língua Portuguesa no GEVOA (Ginásio Estadual Vocacional Oswaldo Aranha). Nesse contexto, busca-se a relação desse material com as proposições que orientavam esse ensino nos anos 1960, tanto nos Vocacionais, como na rede pública convencional.

Os autores dos textos eram alunos da então denominada primeira série do ensino ginásial, equivalente à antiga quinta série e ao atual sexto ano do ensino fundamental. Com

Batatais, Rio Claro, Americana, São Caetano do Sul e a unidade de São Paulo, situada no mesmo prédio do Brooklin. Com a ditadura, a Prof^ª Maria Nilde Mascellani foi aposentada compulsoriamente e, em 1969, a experiência dos Vocacionais foram totalmente extintas. Essa experiência é relatada na tese de doutoramento da Prof^ª Mascellani, defendida em 1999, um ano antes de seu falecimento (CHIOZZINI, 2003, p. 4-8).

criatividade e imaginação, a aluna relata um momento do cenário musical dos anos 1960. Numa viagem de avião imaginária, ela parte de São Paulo para o Rio de Janeiro, em companhia de vários artistas como Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Wanderlei Cardoso, Wanderleia, Elis Regina, Agnaldo Rayol, Jair Rodrigues e o conjunto do Caçulinha. No texto, a popularidade desses artistas impeliu a jovem a *pedir uns autógrafos*, antes que o avião aterrissasse. É perceptível a satisfação da aluna em viajar com cantores e cantoras quando, da chegada a seu destino, lamenta que *tudo que é bom dura pouco*.

A televisão, um dos principais meios pelos quais esses artistas se projetaram, se consolidou, nesse período, como meio de comunicação de massa. O texto do aluno reforça a dimensão desse alcance. Ele narrou que, na manhã de novembro, os telespectadores e ouvintes do mundo inteiro estavam ligados aos seus aparelhos para ver a maior façanha do homem: a viagem à lua. Essa conexão do *mundo inteiro* com o advento da chegada do homem à lua não é exagero do aluno. Segundo Paes,

No dia 20 de julho de 1969, 520 milhões de espectadores no mundo inteiro, através de seus monitores de TV, viam os três astronautas americanos saírem da nave Apolo 11 e desembarcarem na Lua, onde fincaram a bandeira dos Estados Unidos. Muitos não acreditavam no que viam. A sensação de encantamento e estupefação é impossível de narrar (PAES, 2002, p. 13).

A popularização da televisão, presente tanto no texto da aluna como no do aluno, esteve associada à criação da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), em 1965, e do Ministério das Comunicações, em 1968. Tal fato estabeleceu a ligação entre todo o território nacional (e o mundo). Isso certamente justifica a popularidade dos artistas da Jovem Guarda e o aumento assombroso dos números da audiência, na divulgação da ida do homem à lua. No entanto, em tempos de repressão militar, toda a produção cultural dita como contrária aos preceitos ideológicos de quem estava no poder foi controlada por meio da censura (PAES, 2002, p. 55). Essa fase assinala uma época em que, concomitantemente à repressão e censura, o Brasil passa por um período de prosperidade industrial, claramente exposto no texto do aluno, quando cita a ambição do homem em conquistar o universo e os gastos com tal feito. Assinala também a propagação do consumismo, presente em letras de músicas da Jovem Guarda que vinculam o consumo à ascensão social, como o “Calhambeque”, lançada por Roberto Carlos em 1964 (PAES, 2002, p. 78).

Os anos 1960 também são marcados por mudanças significativas no âmbito educacional, como a promulgação, em todo o território nacional, da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, a lei n. 4024/61. Apesar dos benefícios ao setor privado, a lei assinala a incorporação da educação de adolescentes, jovens e adultos e da educação infantil nas obrigações governamentais, resultado da pressão de movimentos populares (FREITAS; BICCAS, 2009, p.179) e de um grupo de educadores que, a grosso modo, podem ser denominados como herdeiros do *Movimento Escolanovista*, entre os quais se destacava Anísio Teixeira. Outro personagem que sobressai nesse período é Paulo Freire, defensor, entre outras coisas, da regionalização do ensino; da necessidade de promover adaptação da educação à cultura local e da descentralização do sistema educacional (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 228).

O COMEÇO DE TUDO - O COLÉGIO VOCACIONAL OSWALDO ARANHA

Segundo o Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC)⁶, Prof. Casemiro dos Reis Filho, da Pontifícia Universidade Católica, o Serviço do Ensino Vocacional (SEV) foi criado em São Paulo pelo decreto estadual n. 38.643, de 27 de junho de 1961, art. 302, como órgão especializado, diretamente subordinado ao gabinete do Secretário Estadual da Educação, para coordenar as unidades dos Ginásios Vocacionais (GV), conforme o art. 25 da lei estadual n. 6.052, de 03 de fevereiro de 1961. Nessa época, foi nomeada uma comissão de educadores e especialistas em ensino secundário e do ensino industrial para elaborar um projeto que atendesse às reivindicações de “uma sociedade mais democrática”. Estiveram entre os participantes dessa Comissão,

o Prof. Osvaldo de Barros Santos, Técnico de Educação do Departamento de Ensino Profissional, os professores Luís Contier, Diretor do Colégio Alberto Comte, da Capital, e Maria Nilde Mascellani, do Instituto de Educação de Socorro, os quais, desde 1958, haviam implantado o programa de Classes Experimentais nas escolas públicas secundárias, criadas por uma portaria ministerial, de acordo com modelos pedagógicos franceses. Com a criação do Serviço do Ensino Vocacional, a Comissão

⁶ Criado em 1980, o CEDIC se estruturou como centro de documentação da PUC-SP, tendo por objetivo dar suporte à pesquisa acadêmica, às atividades de ensino e de extensão. Fonte: <http://www.pucsp.br/cedic/historico.html>. Acesso em: 28 de março de 2015.

deixou de existir, sendo designada como Coordenadora desse órgão a Prof^ª Maria Nilde Mascellani.⁷

Para ministrar as aulas nos Colégios Vocacionais, não só os professores do Vocacional Oswaldo Aranha, como também os das outras unidades eram efetivos ou contratados para regime de trabalho inicial de 36 horas semanais, passando mais tarde para o de 40 e 44 horas. Segundo Mascellani (1999), das funções dos professores faziam parte

a preparação de aulas e atividades; seleção de bibliografia, textos de estudo; docência (sala de aula); observação de alunos e elaboração do devido registro; orientação do estudo dirigido; organização do estudo do meio; planejamento do trabalho de avaliação; cuidado com a documentação dos alunos em sua área; estudo de assuntos e questões de interesse do trabalho pedagógico; participação em reuniões pedagógicas semanais; participação em reuniões de área; participação em reuniões com os pais e a comunidade. (MASCCELLANI, 1999, p. 94).

Pela quantidade de ações contidas na relação acima, infere-se que o tempo de 44 horas semanais empreendido pelo professor para sua formação continuada, preparação das aulas e participação em reuniões pedagógicas não era pouco. Essa dinâmica está associada à proposta de formação do aluno, para um novo modelo de escola.

Além do objetivo institucional de renovação da rede pública de ensino anteriormente mencionado, segundo Cupertino (1990), os Colégios Vocacionais também tinham em sua proposta

[...] formar indivíduos politicamente ativos, socialmente “engajados”, ou talvez, mais que isso, líderes políticos, fazia com que a escola valorizasse muito determinados aspectos da inteligência, como a capacidade de extrapolar, de criar modelos novos. Esse incentivo à criatividade constituiu outro fator de atração do interesse do aluno (CUPERTINO, 1990, p. 37).

Nessa proposta formativa, o principal objetivo da educação dos Vocacionais foi o de preparar o jovem para a intervenção social com “a inserção dele no social como agente modificador”. (CUPERTINO, 1990, p.50-51). Isso significa que nesse modelo de escola “a disciplina de Língua Portuguesa era considerada uma “ferramenta básica” para o

⁷ CHIOZZINI, Daniel Ferraz. CEDIC - Histórico do Colégio Vocacional. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cedic/historico.html>. Acesso em: 28 de março de 2015.

desenvolvimento da escrita também em outras áreas, já que a exigência era de que o aluno se expressasse adequadamente e com criatividade” (CUPERTINO, 1990, p. 26). Considerando a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento da escrita e a expressão criativa imprescindíveis para a formação dos alunos, cabe esclarecer que proposta de ensino de Língua Portuguesa foi desenvolvida nos Ginásios Vocacionais visando o desenvolvimento do discente.

Como mencionado anteriormente, para garantir uma educação que primasse pela inteligência e pela criatividade do aluno, como nos textos apresentados inicialmente, era preciso utilizar métodos que trouxessem propostas com estudos e atividades além do conteúdo de livros didáticos da época, ou seja, propostas inovadoras de ensino da Língua Portuguesa objetivando, antes de mais nada, romper com um modelo de ensino puramente tradicionalista.

O TRADICIONAL E O NOVO – O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS 1960

Foi por volta de 1966 que a Secretaria de Estado da Educação, após ter aberto espaço para a realização da experiência dos Vocacionais, retrocedeu no sentido de exercer “uma certa pressão conservadora, por simples receio dos riscos a enfrentar em ações renovadoras ou inovadoras” (sobretudo as pressões de natureza política e administrativa). (RIBEIRO, 1995, p. 148). No que diz respeito aos compêndios didáticos de Língua Portuguesa, tradicionalmente utilizados pelos professores das escolas primárias e ginasiais, procurava-se valorizar tanto os textos dos cânones da literatura como também os portugueses modernos. Uma autora que seguia essa perspectiva era Magda Soares⁸, que

[...] Combinava autores contemporâneos como Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos a outros mais clássicos como Machado de Assis. Os textos selecionados pelos três autores tinham em comum a predominância da prosa e uma temática ligada ao mundo infantil e suas descobertas (DI IÓRIO, 2007, p. 113).

⁸ Dois livros didáticos de Magda Soares Guimarães (1968; 1969) fazem parte das fontes utilizadas para estudo dos Vocacionais, isso porque trazem exemplos da metodologia de ensino empregada no ensino da língua portuguesa dos anos de 1968 e 1969, por isso a importância de sua investigação: *Português através de textos - Manual do Professor*. 1ª Série Ginasial; *Português através de textos - 3ª Série Ginasial*.

Nessa época, os autores dos livros didáticos buscavam apresentar uma metodologia que se destacasse dos modelos tradicionais dos compêndios didáticos que estavam no mercado, popularmente conhecido como cartilhas. O sistema de estudo dirigido, por exemplo, procurava auxiliar o aluno na resolução das atividades sem a figura do professor, para tanto o livro dialogava com o leitor direcionando-o para a execução da tarefa proposta:

Leia com atenção o texto abaixo. Se encontrar palavras cujo sentido desconheça não interrompa a leitura. Nesta primeira leitura, você deve procurar perceber as ideias principais do texto (SOARES, 1969, p. 9).

Para o trabalho do professor, a novidade ficava por conta da edição do manual do professor que subdividia as aulas com seus respectivos conteúdos e dialogava com o docente no mesmo sistema do estudo dirigido adotado para o livro do aluno. A exemplo disso, no Capítulo III de subtítulo *O aluno e o manejo do livro* encontram-se as seguintes orientações ao professor:

É necessário que o aluno se torne capaz de encontrar no livro, com presteza e sem dificuldade, um texto ou uma indicação qualquer, como, por exemplo, o exercício 3 de GRAMÁTICA, da lição *Classificação das orações*, a pergunta 2 de VOCABULÁRIO, do texto *Sesta*, o exercício de ESTILO do texto *O Sítio de Dona Benta* etc. Para isso, é preciso que o aluno se familiarize com o livro e sua estrutura e organização. É pois aconselhável que o professor, em uma das primeiras aulas, estude com os alunos o livro. Sugerimos as seguintes atividades:

1 – Analisar com os alunos a estrutura e organização do livro, fazendo, inclusive, no quadro-negro, a esquematização apresentada no capítulo anterior.

2- Estudar com os alunos o sumário e os índices do livro, relacionando-os com sua estrutura e organização, e demonstrando quando será mais conveniente usar um ou outro (SOARES, 1968, p. 21)⁹.

Em análise mais aprofundada sobre o livro didático dessa época, percebe-se que, embora o mercado editorial tentasse inovar seus compêndios, os modelos apresentados limitavam-se ao uso do texto para extração de frases para o estudo da gramática. Segundo

⁹ Para conhecer um pouco mais sobre o trabalho de Língua Portuguesa realizado por Magda Soares nos anos de 1960, sugere-se a leitura da tese de doutoramento de Di Iório (2007), intitulada *O ensino de língua portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico* - a autora buscou destacar, também, os principais postulados da educação da segunda metade do século XX.

Di Iório (2007), que analisa a produção do livro didático de Língua Portuguesa dessa época,

[...] devemos salientar que a estruturação e a orientação metodológica que os manuais didáticos empregavam são de continuidade em relação às décadas anteriores, ou seja, privilegiavam uma formação tradicional, exclusivamente aplicada, que ressaltava o texto como exemplo de língua e de cultura a ser seguido (DI IÓRIO, 2007, p. 113).

Vale salientar que no ensino do Vocacional não eram trabalhados livros didáticos ou conteúdos pré-fixados. Isso, porque, na elaboração dos objetivos gerais para a formação dos alunos, os planejamentos das aulas se orientavam com base em um currículo composto por áreas de conhecimento. Assim, trabalhavam-se áreas de cultura mais geral: Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais (História, Geografia e elementos de Antropologia) Ciências Físicas e Biológicas, Inglês ou Francês, Educação Física e Educação Musical e Artes Plásticas e as áreas de caráter mais técnico: Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, e Educação Domésticas. (MASCELLANI, 1999, p.105).

De forma bem sintética, o processo de ensino dos Vocacionais se estruturava do seguinte modo: a) **áreas de conhecimento**; b) vivência/estudo do meio/estudo da comunidade, por meio da área de **Estudos Sociais**; c) **Unidades Pedagógicas**: elaboração dos conteúdos nas áreas (dois meses de duração); d) construção das **Plataformas**: montagem da unidade pedagógica pelos alunos e professores; e) elaboração das **Baterias** – atividades (estudadas em equipe, grupos); f) **avaliação** das atividades propostas, tanto pela equipe como pelo professor; f) **autoavaliações**: o aluno se autoavalia e é avaliado em grupo por sua equipe.

No processo de ensino descrito acima, os conteúdos de Língua Portuguesa, os livros de leitura, o aprendizado da gramática e a produção textual se faziam em conformidade com a vivência do aluno. Além disso, o professor tinha autonomia para aferir reais necessidades dele, podendo, então, reformular/revisar esse ou aquele conteúdo. Segundo o relatório apresentado no *I Simpósio do Ensino Vocacional*, em 1968 pela professora de

Língua Portuguesa Cecília de Lara¹⁰, sobre a *Reformulação do Ensino de Português*¹¹, disse que

As técnicas são apenas meios para obtermos resultados, e nascem das próprias necessidades que a realidade permite observar. Logo, é de imediata importância o levantamento dos problemas que a prática demonstra serem constantes: no caso do Português, o desinteresse do aluno pela matéria, a memorização, a deficiência na redação, falta de base, falta de hábito de leitura etc., são alguns pontos que os professores assinalam com frequência. Mas parece que nem sempre nós nos temos perguntado o porquê disto tudo e muito menos tem sido feita a tentativa de solucionar os problemas a partir da constatação das necessidades e interesses de um aluno da época atual (LARA, 1969, p. 5).

Pelo exposto, a proposta do Vocacional destoa do ensino tradicional quando parte da análise do que sabe ou não o aluno, para elaborar seu próprio material pedagógico. O conteúdo é resultado de situações vividas, pois são elas que auxiliam o aluno a ter o que falar. A técnica teórico-metodológica utilizada pelo professor era um meio (e não um fim) de se chegar a obter resultados dos problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos. Para a eficácia desse tipo de trabalho, o livro didático com textos já escolhidos, estudo dirigido e propostas prontas torna-se inadequado.

O QUE ALUNOS APRENDIAM EM LÍNGUA PORTUGUESA

O leitor dos textos apresentados aqui inicialmente não necessariamente precisa ser professor de Língua Portuguesa para analisá-los como textos inteligíveis, claros, coerentes, coesos e criativos. Recordando seus textos, enquanto a aluna relata o trajeto da viagem que fez rumo às férias que seriam gozadas no Rio de Janeiro, o aluno conta que os televisores

¹⁰ Segundo a Associação de Ex-alunos e Amigos do Vocacional, Cecília de Lara também foi Professora de Português do Vocacional Oswaldo Aranha de 1964 -1969; Supervisora de Área de Português em 1965 e integrante do Conselho Editorial da Revista *Educação Hoje* (Editora Brasiliense S.A.), 1968-1969, responsável por editar os assuntos discutidos em Congressos, Seminários ou Simpósios sobre o Ensino dos Vocacionais. **Associação de Ex-alunos e Amigos do Vocacional**. Disponível em: <<http://gvive.org.br/equipe-sev/>>. Acesso em: 01 de jul. 2017.

¹¹ *Reformulação do ensino de Português* foi o título do relatório apresentado no *I Simpósio do Ensino Vocacional*, em 1968 pela Professora de Língua Portuguesa Cecília Lara, posteriormente publicado na Revista *Educação Hoje*. Segundo a Prof^a. Maria Nilde Mascellani, foi a partir de 1968 que a Revista **Educação Hoje** passou a divulgar a experiência de atividades dos Vocacionais publicando relatos de eventos, seminários, mesas redondas, participação em Congressos, entrevistas na mídia etc. (MASCELLANI, 2010, p.97).

mostraram o dia em que o homem pisou em solo lunar. Tanto um texto como o outro pode-se considerar como bons textos.

Segundo Lara (1969), quando o aluno inicia seus anos no curso ginásial, tem a ideia de que a finalidade da redação é pura e simplesmente a correção pelo professor. Nesse caso, escreve para o professor, ou seja, a redação, deixa de ter outro sentido ou utilidade para sua vida prática. No trabalho com a produção textual, Lara sugere que,

[...] antes de qualquer coisa, é preciso ter o que expressar. A pobreza de expressão, em geral, é pobreza de vivência, daí a necessidade de proporcionar situações de vida, para então expressá-las; ou, existindo a experiência, proporcionar condições para a reflexão sobre a mesma. Daí a importância de estimular no aluno o gosto pela pesquisa no sentido amplo de busca, de observação de si e dos outros, de coleta de dados de realidade, como subsídio para um tratamento pessoal, subjetivo. (LARA, 1969, p. 6).

Quanto à dificuldade de grafia ou de acentuação, Lara (1969) enfatiza a importância de levar o aluno a perceber o porquê da correção e da exigência da clareza na escrita, como condição para que de fato ocorra a comunicação. Nesse caso, propõe, também, questionar com o aluno o objetivo e a finalidade de cada atividade, até as *últimas consequências*.

No que diz respeito ao ensino de gramática, Lara diz que é comum no trabalho do professor duas atitudes totalmente opostas: “a de supervalorização, como se estudar Português fosse apenas estudar gramática, e a de praticamente abandoná-la, ao descobrir que a redação e estudo do texto constituem atividades mais ricas.” (LARA, 1969, p. 10). A partir dessa constatação, ela sugere ao professor pensar, juntamente com seus alunos, a língua como instituição que tem suas normas e regras que devem ser respeitadas. Segundo ela, “o que é importante não é só a gramática, mas a língua, embora por tanto tempo a preocupação se tenha deslocado para esse aspecto do estudo linguístico, é preciso pensá-la como instrumento de comunicação.” (LARA, 1969, p. 10).

O ESTUDO DO MEIO E A PRODUÇÃO TEXTUAL

Antes de conhecer a favela do Tatuapé, minha ideia sobre pessoas que vem de outros estados para São Paulo era muito errada [...]. Sem preparar discurso e sem consultar o dicionário esse moço falou sobre políticos, os

problemas da favela, do Nordeste, com entusiasmo, porque ele sentia e vivia esses problemas não que ele tivesse alegre, era vontade de nos ensinar. [...]Eles tiveram oportunidade de aprender alguma coisa? Quem lhes proporcionou uma vida que atendesse às suas necessidades? [...]¹²

I.M.B.¹³ – 2ª B- Maio de
1968.

No Estudo do Meio em São Paulo eu conheci uma pessoa na favela Tatuapé que me impressionou. Impressionou-me pelo modo de falar, pelo jeito de pensar e tudo que ele falava tinha sentido. [...]No barraco onde mora era tudo limpo e bem conservado. [...]Por ele morar na favela não quer dizer que não tem cultura e não sabe pensar. [...]

A.A.R. – 2ª A- Maio de
1968.

[...] Seu Aristides fazia parte do conselho do MUD¹⁴ ele representava¹⁵ os favelados e eu acredito que o escolheram pela sua capacidade, pelo seu desembaraço no dizer ou fazer algo. Ele não tem instrução, mas dizendo o que sentia, deu-nos uma visão geral do que é favela. [...]

D.M.B. – 2ª B – Maio de 1968.

Os fragmentos dos textos acima são partes das redações sobre o estudo do meio escritas pelos alunos da 2ª série do Ginásio Estadual Vocacional de Americana "João XXIII", em maio de 1968. Sob o tema *Um tipo humano que me impressionou*, os alunos viajaram de Americana até o centro paulista para conhecerem a comunidade da favela do Tatuapé.

Segundo Mascellani (1999), a prática do estudo do meio, nos Ginásios Vocacionais, era uma técnica pedagógica em que o aluno saía de seu espaço escolar para entrar em

¹² Os três textos são partes do acervo particular da ex-professora de Inglês do Ginásio Vocacional de Americana, Profª Irene Pinto Ferraz (Redações sobre o estudo do meio - maio de 1968).

¹³ Devido a impossibilidade de contatar os autores, foram inseridas apenas as iniciais de seus nomes.

¹⁴ Em 1961, foi criado o Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD), congregando estudantes das universidades da cidade de São Paulo [...]. A Divisão de serviço Social da Prefeitura proporcionava aos estudantes a participação em programas de desfavelamento, de modo a que conhecessem experiências concretas relacionadas à realidade (Cadernos LAP, 1995). O MUD atuou em algumas favelas que seriam removidas – Mooca, Tatuapé e Vergueiro -, prestando assistência a seus moradores, através de programas educativos, orientação jurídica, implantação de saneamento básico. (FRANÇA, 2015, p. 25).

¹⁵ É dessa época a publicação do livro Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus. O impacto causado por Quarto de despejo foi além das discussões sobre o texto. O problema da favela, na época de dimensões ainda reduzidas em São Paulo, foi discutido por técnicos e políticos. Um grupo de estudantes fundou o Movimento Universitário de Desfavelamento, cuja sigla – MUD- revelava, no mínimo, uma intenção generosa. Ou um sonho. E Carolina era alçada à condição de cidadã, com título oficial conferido pela Câmara Municipal de São Paulo. (JESUS, 2007, p. 8)

contato direto com outras realidades, mas que não deveria ser confundido com excursão ou passeio. Como explica Mascellani:

Os estudos do meio, no Ensino Vocacional, refletem na prática o que está contido em artigos do Regimento Interno, por exemplo: “(...) proporcionar técnicas de trabalho e de estudo que favoreçam o desenvolvimento pleno da maturidade intelectual do adolescente; promover a integração social do adolescente no meio em que vive; proporcionar o conhecimento e levar à valorização dos recursos humanos e materiais da comunidade; formar a consciência de ação sobre o meio, no sentido de descobri-lo e modificá-lo”. (MASCCELLANI, 1999, p. 110).

Para a efetivar esse tipo de estudo, os alunos realizavam a pesquisa procurando compreender população, tradições, religiões, vida econômica, organização político administrativa e problemas. No caso dos fragmentos dos textos dos alunos da 2ª série o tema da redação era também o tema de uma unidade pedagógica, ou seja, os professores de outras disciplinas também, destacaram a figura do senhor Aristides e, por meio de seu olhar, conheceram a realidade da favela. “Ele não tem instrução, mas dizendo o que sentia, deu-nos uma visão geral do que é favela”, conta-nos a aluna (2ª B), em sua redação.

Pelo exposto percebe-se que, além de serem integrados socialmente e serem formados para agir conscientemente sobre seu meio, esses alunos aprendiam a pesquisar e a registrar suas vivências, por meio do texto escrito e, sobretudo, a se comunicar com o outro - tarefa tão natural e corriqueira que não havia motivo para que a prática da escrita fosse penosa. Isso vai ao encontro do que aponta Lara (1969) ao afirmar que:

o aluno de 1ª série reflete, ao escrever, o seu pequeno círculo: família, colegas, divertimentos, sob uma perspectiva única: a de sua pessoa. E nisto é capaz de ser bastante pessoal. Se for obrigado a tratar de temas afastados de suas vivências, longínquas no tempo, fatalmente cairá no convencional. À medida que amadurece aprofunda-se em si mesmo ou no que está a sua volta. Ao analisar os fatos da realidade, por exemplo, poderá colocar-se de fora, atribuindo a total responsabilidades aos outros, ou, então, situar-se como parte do contexto, vislumbrando que cada pessoa, inclusive ele próprio, tem a sua parcela de responsabilidade nos problemas próximos ou longínquos que afetam a humanidade. Isto revela já um estágio de maior maturidade. Seguindo a linha que os alunos apresentam normalmente no desenvolvimento, descentralizando a atenção de si mesmos para outros, deixando de ver o mundo como algo que lhes oferece coisas, para participar dele com sua contribuição, o professor poderá oferecer, pelas oportunidades de expressão, condições para que o aluno se conheça e se situe. Ao refletir, toma consciência e se constrói

como pessoa, num ato que é superiormente humano: o da comunicação (LARA, 1969, p.10).

“PROVA DE PORTUGUÊS”

A prova a seguir é uma avaliação de Língua Portuguesa da unidade do Ginásio Vocacional de Americana, datada de 04 de outubro de 1968. Entre suas peculiaridades estava a de que ela não se iniciava com um texto e um conjunto de questões para o aluno interpretar, como comumente encontrava-se nos modelos de avaliação dessa época. A exemplo disso, assim era o enunciado da primeira questão:

As palavras abaixo vão lhe sugerir ideias. Escreva-as nas linhas reservadas para isso. Use linguagem correta e boa caligrafia.

Ganho.....
Gostaria de.....
Meus amigos.....
A família.....
O estudo.....

Fonte: Acervo particular da ex-professora de Inglês do Ginásio Vocacional de Americana, Prof^ª Irene Pinto Ferraz (04/10/1968).

Pelo exposto, a proposta do texto já direciona o aluno para a livre expressão de suas ideias “*As palavras abaixo vão lhe sugerir ideias*”. Isso é uma forma de abrir totalmente o campo da palavra ao aluno, a fim de verificar o grau de criatividade e reflexão imprescindíveis na sondagem de como ele relata suas impressões, sobre o sentido das palavras sugeridas, ou seja, é um modo de conhecer o aluno. Nesse caso, a avaliação não tem caráter punitivo, pois se torna instrumento que fornece ao professor dados que vão delinear seu trabalho com o conjunto de alunos, na elaboração de maior variedade de textos e assuntos, que serão ofertados a eles para o trabalho com a palavra escrita. (LARA, 1969, p. 9).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi por intermédio das produções textuais de dois alunos que o conhecimento sobre o contexto histórico que marcou os anos de 1960 veio à tona. Em seus textos, além de relembrares a viagem do homem à lua trouxeram também a popularidade de artistas do mundo musical daquela época, como Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Wanderlei Cardoso, Wanderleia, Elis Regina, Agnaldo Rayol, Jair Rodrigues e o Conjunto do Caçulinha.

As redações trazem marcas dos tempos e espaços em que a escola esteve situada, além de revelarem métodos do ensino da Língua Portuguesa. No contexto dos Vocacionais, a proposta era formar um jovem que fosse agente modificador de seu meio, (CUPERTINO,1990) para tanto a Língua Portuguesa era considerada ferramenta básica para o desenvolvimento da escrita em todas as áreas de conhecimento.

No ensino da Língua Portuguesa o dicionário e a gramática eram instrumentos de consulta do aluno. De modo geral, o livro didático, as cartilhas e os manuais didáticos não faziam parte do cotidiano do aluno que estudava nos Vocacionais, isso porque o mote, as temáticas problematizadas, eram oriundas de suas vivências, do contexto em que se inseriam (como a temática da ida do homem à lua e os cantores da Jovem Guarda, expostos aqui).

Nessa proposta formativa, o professor assumia postura criativa e atitudes crítico-reflexivas, na adequação do trabalho coletivo e assumia papel de investigador, pesquisador e orientador das ações do aluno. Aluno esse que para atuar, na sociedade ou ser agente modificador dela significava, entre outras coisas, preparar-se para mudar hábitos, comportamentos, atitudes. Hábitos e comportamentos que paulatinamente iam delineando o perfil do aluno em conformidade com uma formação cognitiva que buscava, entre outras coisas, a consciência histórica e a utilização do método científico de trabalho.

Quanto aos aspectos culturais, procuravam despertar no aluno a valorização dos recursos humanos e materiais da comunidade, bem como preparar o jovem para os estudos posteriores. No caso dos Ginásios Vocacionais, a proposta de construção e reconstrução do saber pelo aluno objetivava, sobretudo, conduzi-lo à formação de conhecimentos intelectuais, traduzidos em uma visão de mundo e concepção de homem que se pretendiam formar.

Para dar conta dessa formação, era preciso investir na proposta de um currículo integrado, e isso significava, entre outras coisas, a formulação clara dos princípios, metas e

objetivos que se pretendiam atingir (princípios gerais), na hora de selecionar quais conteúdos seriam necessários à formação do aluno. Nesse caso, a escolha dos materiais formativos deveria estar em consonância com a situação escolar do discente, visando não só a apreensão intelectual, como também a aquisição de valores éticos, morais e afetivos.

Quanto ao ensino e estudo da literatura, era um fio que conduzia e aproximava o aluno das situações concretas da vida cotidiana. Nesse sentido, tanto o estudo da língua como o da gramática eram considerados partes estruturantes do texto, responsáveis por materializar, na palavra, o que pensava e o que sentia o aluno (integração curricular). Mas tal aproximação não se fazia no vazio, dos docentes exigia-se dedicação exclusiva para planejar as aulas, selecionar os textos e as atividades que dialogassem com o que os alunos vivenciavam.

Quanto à gramática, é também ensinada a partir do texto do aluno. Nesse sentido, o modo como a gramática normativa (bateria) é trabalhada no Vocacional Oswaldo Aranha foge dos padrões tradicionais desenvolvidos pelos compêndios didáticos. Isso porque seu uso era incentivado pelo professor e, na prática do aluno junto às equipes era utilizada como um instrumento de pesquisa e investigação do uso da língua. Além disso, os exercícios eram de caráter reflexivo, ou seja, não primavam pela memorização, mas para sua funcionalidade no texto (“explique com suas palavras o que entende por sujeito”, por exemplo).

Pelo que foi visto até aqui, tanto as atividades de literatura, gramática e produção textual, como outras realizadas em diferentes áreas, avaliavam o aprendizado do discente, mas com vistas a sua utilização como instrumento de averiguação do que sabia e do que precisava saber o aluno.

Longe de esgotar aqui as discussões em torno dos Vocacionais, sugere-se maior aprofundamento do ensino da Língua Portuguesa dessas escolas, por intermédio de estudos que, como este, partam da investigação de documentos provenientes do contexto escolar. Isso, porque, tais contextos estão impregnados de tempos e lugares que fizeram história, ao denunciar, por meio da palavra escrita, falada ou ouvida, a cultura viva por diferentes povos. Culturas que estão representadas em textos que podem contar, como aconteceu a façanha da viagem do homem à lua, ou descrever a emoção de acompanhar os cantores da Jovem Guarda, numa viagem de avião que fizeram ao Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

FERRAZ, Irene Pinto. **Prova de português**. Acervo particular - ex-professora de Inglês do Ginásio Vocacional de Americana, 1968-1969 (datilografado).

FREITAS, Marcos Cezar de. BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. – São Paulo: Cortez, 2009, p. 180-269 . – (Biblioteca básica da história da educação brasileira; v. 3).

GOODSON, I. F. **A construção social do currículo**. Lisboa: EDUCA, 1997.

GUIMARÃES, Magda Soares. **Português através de textos** - 3ª Série Ginásial. 2.ª Edição-. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1969, p. 9.

GUIMARÃES, Magda Soares. **Português através de textos - Manual do Professor**. 1ª Série Ginásial. 6.ª Edição. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1968, p. 21.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo. Diário de uma favelada**. 9ª ed.- São Paulo: Ática, 2007, p. 08.

LARA, Cecília de. Reformulação do ensino de Português. In: Revista **Educação Hoje**. (Vários autores). São Paulo: Brasiliense S.A, 1968, p. 3-14.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. O colégio Vocacional “Oswaldo Aranha” de São Paulo. In: GARCIA, Walter E. (Coord.). **Inovação Educacional no Brasil. Problemas e Perspectivas**. 3. ed. –Campinas, SP: Autores Associados 1995 (Coleção educação contemporânea).

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 11.

ANTUNES, Ricardo & RIDENTI, Marcelo. **Operários e estudantes contra a Ditadura: 1968 no Brasil**. Mediações Revista de Ciências Sociais. Vol. 12, n. 2, p. 78-89, Jul/Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3319>>. Acesso em: 13 de outubro de 2013, p. 79.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. As mudanças curriculares dos ginásios vocacionais de São Paulo: da ‘integração social’ ao ‘engajamento pela transformação’. In: **Revista Brasileira de História da Educação** - Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 14, n. 3 (36), p. 23-53, set./dez. 2014. Disponível em: <

http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/471/pdf_48>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

_____. Centro de Documentação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho. CEDIC - **Histórico Colégio Vocacional**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/cedic/historico.html>> Acesso em: março de 2015.

_____. Os Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo – um projeto experimental em busca de uma educação transformadora. *In: Revista do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar de Arruda Penteadó”*. Junho/2014, 13ª edição. São Paulo: Rio Claro, p. 57-61. Disponível em:<http://www.aphrioclaro.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Revista-do-Arquivo_13-Edi%C3%A7%C3%A3o_jun-2014.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2015.

CUPERTINO, Maria Amélia Marcondes. **Dilemas da Escola Renovada**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas. Área de Concentração: Ciências Sociais Aplicada à Educação. Mestrado em Educação. São Paulo: Campinas, 1990, p. 42

DI IÓRIO, Patrícia Leite. **O ensino de língua portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico**. Tese de doutorado apresentada à Pontifícia universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa. São Paulo, 2007, p. 113-114.

FRANÇA, Elisabete. **Favelas em São Paulo (1980-2008). Das propostas de desfavelamento aos projetos de urbanização. A experiência do Programa Guarapiranga**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: 2009, p. 25. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/2/TDE-2010-04-01T155201Z-871/Publico/Elisabete%20Franca1.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

MASCELLANI, Maria Nilde. **Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados**. (Programa Integrar CNM/CUT). Tese de doutorado apresentada à FE-USP/SP- São Paulo, 1999, p. 84, 94.